O AGRONEGÓCIO É O SEGUINTE

PREOCUPAÇÃO COM OS FERTILIZANTES

A GUERRA na Ucrânia estende-se por mais de um mês, com efeitos econômicos distintos para diferentes regiões do Planeta. No Brasil, a inflação tem subido recorrentemente desde fins de 2020, principalmente como consequência das restrições causadas pela pandemia de COVID-19. Neste momento, com a guerra, a alta dos preços internacionais do petróleo e de outras *commodities* só agrava esse cenário, com perspectiva de a inflação brasileira fechar o ano entre 6% e 8%.

Para tentar reduzir a inflação, o Banco Central do Brasil (BCB) tem subido sistematicamente a taxa básica de juros (Selic), que deve chegar a 12,75% a.a. na próxima reunião do Comitê de Política Monetária (Copom), em maio. Por outro lado, essa alta da Selic tem atraído capitais externos para a economia, o que tem condicionado a queda na cotação do dólar nas últimas semanas. Esses ingressos têm se somado aos bons resultados das contas externas brasileiras, o que tem proporcionado uma considerável oferta de dólares no mercado de câmbio.

A queda do câmbio pode ser um fator positivo para reduzir a pressão sobre os custos de produção do agro, que também sofrem os efeitos da guerra entre Rússia e Ucrânia. Com o início da guerra, as importações de fertilizantes da Rússia, o maior fornecedor brasileiro, tornaram-se incertas. Isso ocorre às vésperas do plantio da safra de verão 2022/23, no segundo semestre deste ano, causando muita preocupação para as cadeias do agronegócio. É importante lembrar que o Brasil importa de vários países mais de 85% do seu consumo total de fertilizantes. Mais do que nunca, o produtor precisa ser ainda mais eficiente na gestão da propriedade. A fim de reduzir os custos, talvez precise utilizar o estoque de fertilidade existente no solo para reduzir, de maneira responsável, a dosagem necessária de adubo. Muitos fornecedores de fertilizantes e de defensivos têm pedido pagamento antecipado, para garantir a entrega. E, então, é preciso ter dinheiro no banco e muita confiança no fornecedor. Vale lembrar, também, que, com a Selic maior do que 12% ao ano, os juros em caso de compras a prazo serão muito elevados.

Olhando para a agroindústria nacional, o setor deve registrar, de acordo com o Índice de Produção Agroindustrial (PIMAgro), uma expansão de apenas 0,2% neste ano no cenário-base projetado pelo Centro de Agronegócio da Fundação Getulio Vargas (FGV Agro). Esse resultado equipara-se ao de 2021, que também fechou praticamente no mesmo patamar do ano anterior (-0,1%). A estabilidade da agroindústria em 2021 poderia até ser considerada uma boa notícia, dado que o ano foi marcado pela segunda onda de COVID-19, contudo a economia como um todo foi melhor do que no ano anterior, o que não se refletiu na produção agroindustrial.

Entre os desafios colocados à indústria de alimentos na retomada do crescimento da produção, está a necessidade de inovar, em resposta à crescente preocupação dos consumidores com a saúde e a conservação do meio ambiente. Apenas como exemplo, o crescimento das vendas globais de carnes feitas de soja, ervilha e outras fontes de proteínas vegetais foi de 239,8% nos três primeiros meses da pandemia de COVID-19 quando em comparação ao mesmo período do ano anterior.

Se a preocupação é meio ambiente, a agropecuária brasileira é um exemplo mundial de sustentabilidade: o País tem 48,4% de toda a oferta interna de energia proveniente de fontes renováveis; apenas no setor de transportes, 32,0% de todos os combustíveis e as energias utilizados são renováveis. O Brasil tornou-se um exemplo notável de integração virtuosa de cadeias produtivas e de complementaridade entre agricultura alimentar e agricultura energética, em que esta última contribui e alavanca a produção de alimentos. Por essa razão, o País tem a chance de liderar o esforço de descarbonização, estabelecendo o mercado de carbono mais dinâmico do Planeta.

Aqui, vale uma atenção, pois, neste momento, o mercado de carbono que opera no mundo serve para atender, prioritariamente, os interesses dos países desenvolvidos. O rol de metodologias que autoriza a venda de créditos no mercado de carbono hoje institui uma máquina de subsídios voltada para a produção dos países ricos e contrária à produção sustentável do mundo tropical. Por exemplo, um pecuarista francês que melhora a nutrição do boi criado em confinamento pode vender os créditos de carbono equivalentes

ao corte de emissões de metano. Ao mesmo tempo, o pecuarista brasileiro que melhora a qualidade do pasto que alimenta o boi, reduzindo em até 20% o tempo de abate, com imensa economia de carbono e de terra, não é elegível para a venda de créditos pela sua prática sustentável. Assim, para servir ao mundo, o cálculo dos créditos de carbono deve ajustar-se à realidade de cada país, exatamente como a comunidade internacional estabeleceu no Acordo de Paris.

A entrevista deste mês conta com a presença do ministro Carlos França, do Ministério das Relações Exteriores (MRE). Ele traz uma visão brilhante, muito bem resumida, do papel geopolítico que representa o agronegócio brasileiro no mercado mundial de alimentos. Junto aos Ministérios da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) e do Meio Ambiente (MMA), o MRE montou uma elogiável estratégia de atuação na 26ª Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança Climática (COP-26/UNFCCC, nas siglas em inglês), realizada em 2021, em Glasgow (Escócia). Esse passo importante abriu espaço para a diplomacia nacional ocupar nas questões ambientais e de mudanças climáticas que voltarão a ser discutidas na COP-27, a ser realizada no Cairo (Egito).

No Caderno Especial da ***Agroanalysis*** deste mês, há a cobertura do 12º Simpósio da Associação Brasileira das Indústrias de Suplementos Minerais (ASBRAM), com o tema "O Brasil sustentável pronto para alimentar o mundo". Esse é um dos eventos mais esperados pelo setor, tendo reunido mais de 350 profissionais de indústrias do segmento. Com apresentações de alto nível, palestrantes trataram sobre a contenda de desafios emergentes e o procedimento que cabe ao Brasil na produção global de alimentos. Fica cada vez mais evidente que não é possível falar sobre aumento de eficiência e produtividade na produção de proteína animal sem enfatizar a ciência e a tecnologia. ■



ACOMPANHE NOSSAS REDES SOCIAIS



@fgvagro
/fgvagro
@fgvagroanalysis
FGV Agro
/fgvagro

www.agroanalysis.com.br contato@agroanalysis.com.br